

O SOL EM LÁGRIMAS: NOTAS SOBRE O TRABALHO INVISÍVEL DOS HOMENS DO SOL

Autora Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes; Co-autora Ivanna Naama Santos Delmiro;
Orientador Márton Tamás Gémes;

*Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
ivaldinetedelmiro@gmail.com*

Resumo: Este artigo é fruto de uma análise realizada a partir de uma pesquisa do universo sociocultural do homem flanelinha de carros que trabalha cotidianamente em situação de exclusão, precarização e informalidade nas ruas e praças de Sobral/CE. Justifica-se pelo fato de que esses agentes vivenciam uma invisibilidade e rejeição social traduzidas em várias formas de violência física e simbólica, infligidas pelo não reconhecimento de cidadania. Na pesquisa, entendi que o campo de trabalho dos flanelinhas é um território marcador de identidade de gênero, fortalecido através das relações culturalmente demarcadas. Trata-se de compreender como ocorre o processo de construção da masculinidade dos atores sociais que exercem as atividades laborais não formalizadas e, também não reconhecidas, de ‘pastorar’ e lavar carros. Nesse sentido, realizei uma pesquisa etnográfica no território de trabalho - Lado Esquerdo da Igreja São Francisco - por ser o território onde se desdobra a reciprocidade entre os flanelinhas e outros sujeitos. O estudo propõe o debate sobre o processo de construções das masculinidades de homens que modelam o cotidiano do trabalho, da vida, da afetividade nas experiências de desejos e performances. O cenário dos acontecimentos é um território demarcado pelos interesses e conflitos de poder e de gênero que marcam os processos societários da construção do sujeito. Trata-se de um estudo etnográfico, permeado pela interseccionalidade de prática e formas de diferenciação social: classe, raça, geração e gênero. Portanto, cheguei a conclusão que a trajetória que constrói o problema da invisibilidade dos flanelinhas está atravessado pelo fenômeno das demarcações e limites de territórios simbólicos.

A presente comunicação nasceu do meu interesse de realizar um estudo sobre a construção da masculinidade nas ruas da cidade de Sobral/CE. Tem como objetivo compreender como ocorre o processo de construção da masculinidade dos atores sociais que tem como atividade de trabalho o cuidar, pastorar (olhar) e lavar carros de outros agentes sociais.

O estudo propõe o debate sobre as formas de construções de masculinidades de indivíduos, que modelam o mundo do trabalho, o modo de vida, as performances corporais e as experiências afetivas, através de conflitos e interesses que marcam os processos societários da construção do sujeito.

Desse modo, a análise aqui expressa sobre a masculinidade no cotidiano do homem em situação de trabalhador informal nas ruas de uma cidade de porte médio do interior do Nordeste Brasileiro. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa empírica no território de trabalho- Lado Esquerdo da Igreja São

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

Francisco, Praça São Francisco e arredores do Mercado Municipal, espaços sociais, físicos e simbólicos, onde se desdobra a reciprocidade entre os flanelinhas e outros sujeitos.

A escolha desta temática de pesquisa justifica-se pelo fato de que esses agentes vivenciam uma invisibilidade e rejeição social traduzidas em várias formas de violências físicas e simbólicas, infligidas pelo não reconhecimento dos direitos, de cidadania. Dessa forma, ao escolher esta temática tive a preocupação de realizar uma pesquisa com interesse de prosseguir os estudos sobre as relações de gênero, trabalho, classe e cidadania.

Trata-se de compreender como a imagem de “homem” se revela a partir de práticas, comportamentos, atitudes, discursos e sentimentos que se desenrolam no cotidiano do trabalho. Para compreender esta produção de sujeitos, buscou-se realizar a observação direta, alargada com as narrativas, histórias de vida e conversas com os flanelinhas nas ruas de Sobral.

A pesquisa etnográfica foi realizada durante dois anos (2015/2016). No início da pesquisa, entendi que o campo de trabalho desses sujeitos sociais é um território marcador e definidor das várias formas identitárias de gênero e das masculinidades, que se corporificam através das interações sociais e interseccionalidade de classe, geração, corporeidade, etnia e gênero. Compreender o cotidiano do homem que trabalha como pastorador de carro – *flanelinha* - é penetrar no contexto físico e simbólico das classes populares é buscar identificar a experiência de classe e gênero traduzida em uma linguagem das experiências, dos gestos e ações produzidas nos rituais da vida cotidiana da cidade. Tomo por empréstimo análise de classe social feita por Saffioti (2015, p.86), quando afirma, que:

Não existe classe social como entidade abstrata. Uma classe social negocia com outra por meio de seus representantes, que tampouco são entidades abstratas, mas pessoas. Todas as relações humanas são interpessoais, na medida em que são agenciadas por pessoas, cada qual com sua história singular de contatos sociais. Por mais que desejem desvincular-se desta história para representar sua classe, seu passado e sua singularidade pesam tanto que se chama de bons negociadores e outros de maus negociadores.

Na perspectiva de perceber a dimensão da masculinidade e do trabalho, nas experiências, no modo de ser, nos relatos de experiências de vida e nas ações dos pastoradores de carro, parti da premissa de que estas experiências estão intimamente relacionadas às dimensões de classe, etnia e gênero. Daí, eu articulei minha postura étnica e generificada.

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

Era o lugar que me defino e me afirmo socialmente. Assim, eu fui ao campo na condição de mulher, negra e com uma enorme empatia pelo outro, pelo que me é estranho e em algumas situações, me parece tão singular. Era o momento de conversa sem rodeios, eu buscava ouvi-los dentro de uma situação específica, a rua, o trabalho, as dores, as trocas e os estigmas.

O enfoque dado à condição de trabalho do Pastorador de carro (flanelinha) foi feito a partir de leituras de autoras e autores que se debruçaram sobre esta temática: Aguiar, Bento, Bandeira, Costa, Delmiro Gémes, Saffioti, Rolnik, Nasser, Bandeira.

Ao escolher e definir esta problemática, eu mergulhei na dimensão dos pesquisados. A pesquisa exigia de mim um período de convivência com os pastores de carro (flanelinhas) em seu campo laboral, naquele sol escaldante das ruas, praças, becos e vielas da cidade. Quando estava com eles na rua, eu senti a pele queimando pelas altas temperaturas (42º Graus) da cidade. A garganta ressecada, eu sentia muita sede, calor e a intensa luz do dia do sol sertanejo que atravessava a minha retina, muitas vezes, aumentava a minha sensibilidade física e a minha pressão intra-ocular. Eu estava com eles em poucas horas e me inquietava saber de como meus interlocutores suportavam as condições de trabalho.

A sensibilidade de mulher, negra e pesquisadora das camadas subalternas afluía em mim, os laços de afetividade e explodia a vontade de amar o outro sem medos imaginários. E no encontro entre minha autoestima e o sofrimento do outro, fui direcionada pelas estratégias resilientes, onde eu fui diretamente influenciada e marcada por uma relação de respeito, solidariedade e confiança, cumplicidades entre eu e “os rapazes excluídos”. Nossos destinos foram (de certa forma) forjados pelo apoio afetivo e pelos processos de entrelaçamento e empatia que mantivemos na fase da pesquisa (antes, durante e depois).

O flanelinha é marcado pelas contingências da vida árdua, pela falta de trabalho fixo, pelo caos provocados pelo sistema liberal. Desta forma pude perceber que esses homens eram excluídos por vários motivos, como pelo fato: de ser ex-presidiário, de ser dependentes químicos de álcool, de crack, por ser desempregado, portadores de HIV e de outras doenças tidas como contagiosas, desnutridos, desidratados, analfabetos, queimados pelos raios solares e por tantos outros sofrimentos.

Nesse contexto, no espaço da rua, eu fui “afetada”, foi deslocando-me entre as praças e avenidas da cidade, que eu pude viver os dramas desses atores sociais. Portanto, a rua é um lugar que eu defino aqui, como espaço de atitude, de performances, de conflitos, de trocas, de trabalho e “bicos”, lazer, de afetos e de outras sociabilidades. Neste sentido a rua é uma configuração espacial e temporal, onde os

atores sociais pesquisados prescrevem e circunscrevem seus códigos, regras e estratégia de sobrevivência. É um espaço onde é ordinário o aprendizado de uma linguagem.

No que se refere à linguagem da rua, posso afirmar que esta se manifesta a partir das diversas dimensões elaboradas pelos atores que evidenciam as experiências e dificuldades e fluidez. A peculiaridade desse espaço é demarcada pela configuração de cada grupo ou sujeito sociais. Nestes aspectos, DaMatta (1997) afirma que a rua é um espaço onde se desenrolam ações éticas e culturais, pois:

Não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo, entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 1997).

Este território é marcado, e aqui definido, não só pelas características topográficas ou pelos processos líquidos da mobilidade urbana das ações e experiências transitórias dos apressados e transitórios indivíduos. Mas, é também demarcado, pela dialética da construção do mundo do trabalho, o universo das emoções, dos afetos, das identidades de gênero, dos conflitos étnicos, das divisões sociais, do agir histórico e pelas relações de poder que permeiam o cotidiano desses atores sociais. No olhar de Schienbinger (2010):

Gênero, hoje, é com frequência usado impropriamente como uma palavra de código para “sexo”, “mulher”, ou “feminista”. Ele é mais propriamente usado para referir um sistema de signos e símbolos denotando relações de poder e hierarquia entre os sexos. Ele pode também referir-se a relações de poder e modos de expressão no interior de relações do mesmo sexo (SCHIENBINGER, 2010, p.45).

Neste aspecto, afirma Rolnik (2002, p.66) que: “A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias da formação do desejo no campo social, O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo inventar pontes para fazer a sua travessia: pontes de linguagem.” Foi assim que eu me senti na rua, construindo várias pontes de comunicação e afetos para atravessá-las no limiar do fazer acadêmico.

Nessa perspectiva, percebo aqui que as relações sociais são modeladas pelas relações de poder entre os grupos que mantêm a hierarquia social além de se tornarem agenciadoras ou, meras instâncias de dispositivos, controle,

de punição que naturalizam ou normatizam as regras sociais e as identidades dos indivíduos. Como analisei alhures, em meu texto sobre a masculinidade e o lazer. (ano e data).

Na visão de Garcia (2006) a forma de socialização de nossa sociedade transmite e estabelece valores hierarquizados e espaços generificados, e, estes definem os códigos e símbolos que regulam as relações de poder e prestígio em um contexto cultural determinado. Nesse sentido os espaços proclamados de espaço de homem e espaço de mulher são resultantes do tipo de socialização que foi construída. Como afirma este autor.

Um homem pode passar o dia com aqueles que têm poder sobre ele, sofrer essa situação em quase todos os níveis da sociedade e, contudo, ao retornar para casa todas as noites, retomar uma esfera na que ele domina. E sempre que ele entra no universo doméstico, a mulher pode estar lá para prover meios para sua demonstração de competência. Onde quer que o homem vá, ele pode carregar consigo uma divisão sexual do trabalho. (GOFFMAN, 1977. 315).

Os modelos de estruturação de alguns espaços são definidos por sistemas de práticas fechadas, diga-se de passagem, com a necessidade de estabelecer as regras de pertença. Não se fundamenta em um mero espaço de uso. O que o define é a intencionalidade dos atores em demarcar com seus códigos e regras sociais, a ocupação por determinado segmento, produção do mundo objetivo, o trabalho, a atividade produtiva, a sua relação com a natureza e as forças essenciais do homem:

Esta produção é a atividade genérica operativa. Por ela, a natureza aparece como obra da realidade. O objeto do trabalho, é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem, na medida em que ele se duplica não só no intelectualismo, como na consciência, mas também operativamente (wektätig), realmente, e contempla-se por isso num mundo criado por ele. (KARL MARX, p.313).

Nos processos de objetivação e subjetivação os seres humanos, elaboram ações, práticas e discursos como uma forma de falar de si através da linguagem do corpo, do trabalho, do afeto, da política, do lazer, do poder e da sexualidade. A partir de disso, pude neste estudo refletir sobre a historicidade, interseccionalidade e interdependência do conceito atribuído as condições e performances de feminilidade e de masculinidades em determinado contexto temporal, espaço cultural. De acordo com Louro (1998, p.23),

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

É importante ressaltar que, é só a partir do olhar relacional entre sexo e gênero, masculino e feminino, é que os estudiosos irão fundamentar as críticas e discussões sobre a temática do corpo. A utilização dos termos corpo e gênero aparecem na contemporaneidade como característica fundamentalmente complexa das relações bioantropológica humanas.

Na contemporaneidade as representações corporais podem ser encontradas como matéria de experiências no âmbito das práticas e movimentos do corpo humano no mundo permeado pelos processos sociais e pelas redes e dispositivos de criações de intencionalidades e escolhas dos sujeitos sociais diferentes e generificados na aldeia global. Nessa aldeia os indivíduos mantêm relações entre si como sujeitos reais e virtuais que se conectam a partir de cada experiência do e no mundo.

Em plena manhã de domingo as 843 estaciono o carro no lado esquerdo da Rua desembargador Moreira. E quando chego a rua Como afirma esse agente social:

Na semana quando eu em casa estou muito cansado, pois na empresa que trabalho o serviço é pesado. Mas eu ajudo nos trabalhos de casa, faço alguma coisa, lavo o banheiro, olho a comida quando a mulher fica olhando os meninos. Tenho dois meninos e a mulher estar esperando uma menina. Estamos muito felizes agora, esse momento. Também a mulher ganhou uma casa e melhorou as coisas lá em casa.

Assim, quando os pastadores de carros -flanelinhas- transgridem as regras, assimilam, criam novos comportamentos e performances eu identifico como uma maneira de mostrar atitude e assumir novas identidades em espaço demarcado socialmente. É, pois, no agir dessas práticas desviantes ou não, que os indivíduos executam formas na construção dos novos processos de subjetivação, construção, afirmação da masculinidade e identidade.

Para Butler (2002) a identidade é um construto performativo que se constitui numa teoria complexa. Para Butler o sujeito é um ator que se põe de pé e encena sua identidade em um palco de sua própria escolha. Para ela a Identidade de Gênero é uma sequência de atos (existencialismo), mas afirma que não existe um ator (performer) preexistente que pratica esses atos. O sujeito é um construto performativo. Para esta autora, o sujeito existe em processo, pois está construído no discurso pelos atos que executa. Para ela gênero é um processo e não tem começo nem fim, de modo que é algo que fazemos e não que somos.

Butler (se afasta da noção de que sexo, gênero e sexualidade existem de maneira mútua. Exemplo de que alguém é biologicamente fêmea de comorte e exiba traços femininos e tenha desejo por homens. Ela afirma que

gênero não é natural, assim não é necessário a relação entre o corpo de alguém e seu gênero. Por isso pode existir uma fêmea masculina e um macho feminino. Butler questiona: Existe um corpo físico anterior ao corpo percebido? O corpo não é um fato da natureza, tal como o gênero, ele é construído por ela. Para Lacan o sujeito é construído pela falta e pela perda do desejo. Para Kristeva o corpo é um conjunto heterogêneo de impulsos e necessidades

É uma forma de afirmar a correlação entre o gênero e as demais formas societárias: classe, trabalho, meio urbano e ambiente. Pois, neste sentido as identificações de gênero são pautadas na materialidade de muitos conflitos dos descontínuos movimentos da história humana. A abordagem de gênero é compreendida aqui, a partir de uma dimensão de masculinidade, territorialidade e exclusão dos indivíduos dos processos de trabalho. Este fato é percebido através da pouca ou nenhuma visibilidade social dos sujeitos que são os protagonistas desse estudo.

O conceito de invisibilidade social está diretamente relacionado a noção de exclusão social. Em sua obra Giddens (2005) procurou trabalhar o conceito de modernidade aceitando a inevitabilidade da diferenciação social. Já na sua crítica contemporânea ao materialismo histórico vai retrabalhar o problema da diferenciação social e da sua relação com a perda do controle dos indivíduos sobre as suas relações sociais, a partir do conceito que irá se tornar central na sua obra, o conceito de distanciamento espaço-temporal. Também fala sobre “a estruturação de qualquer sistema social, grande ou pequeno, ocorre no tempo e no espaço e, ao mesmo tempo, coloca o tempo e o espaço entre parênteses”. (GIDDENS, 2005).

Trata-se de indivíduos que foram ao longo do tempo excluídos do mercado formal, de trabalho, devido à baixa qualificação, às situações pessoais, ao baixo nível de escolaridade, aos problemas de saúde com as drogas lícitas e ilícitas. Por outro lado, trata-se de sujeitos que são excluídos economicamente do sistema de produção capitalista. Pois, muitos deles, antes de se tornarem trabalhadores informais assumiam outros tipos de trabalhos: artista, professor, agentes de limpeza geral, cozinheiro, artesão entre outras, mas que por algum motivo, perderam seus postos de trabalhos e não voltaram para o mercado formal.

Antes de vim trabalhar na rua, eu tinha meu emprego em uma loja de tecidos. Daí a loja fechou e todos os empregados foram parar na rua. Eu vim para aqui, e estou nesta situação há uns cinco anos. É uma luta diária para levar as coisas para casa. Fico pensando na vida, como tudo é difícil, eu vou vivendo nesta, fico olhando os carros. Às vezes um cidadão dar uns trocados, mas, às vezes, eu não ganho nada e ainda sou visto como um marginal. Eu só estou fazendo o meu trabalho aqui patroa,

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

não faço nada de errado entendeu? (C.P trabalhador 32 anos).

Sobre estes aspectos, trago aqui para a discussão, outro conceito de exclusão social de José de Sousa Martins (1993, p:100) que o analisa, a partir da perspectiva das relações sociais capitalista de produção tanto no campo, como na cidade:

A exclusão é uma noção que abrange as minorias subalternizadas e marginalizadas de diferentes categorias sociais, tanto no campo como na cidade. A sujeição desses indivíduos, a diferentes ordens de privações, não só no plano econômico, mas também no político, social e cultural. Considerando o universo dos sujeitos sociais dessa pesquisa. Trata-se de uma exclusão integrativa, em que a utilidade das populações excedentes está na exclusão do trabalhador do processo de trabalho capitalista e sua inclusão no processo de valorização por meio de formas indiretas de subordinação do trabalho ao capital. (MARTINS, 1993, p:100).

Durante a investigação, o processo de aproximação com os pastores de Carro ou flanelinhas do Largo da Igreja de São Francisco e dos outros territórios da cidade, foi permeada pelas relações de trocas simbólicas, afetivas, solidárias e profissionais, no sentido de estabelecer um melhor envolvimento com o mundo social construído pelos agentes desta pesquisa. Era uma manhã de sol, mais precisamente, o dia 09 de setembro, quando eu cheguei ao Mercado Central, eu estacionei o carro, desci e o Senhor Antônio (nome fictício de Cleber) aproximou-se com muita atenção, sua fala era calma e muito educado me perguntou:

Bom dia patroa, cadê o patrão. Tá tudo bem com a senhora? Respondi. Estou bem, o patrão ficou em casa dormindo. Como você está? Como estão as coisas? Quer conversar um pouco. (Diário de Campo). Estou bem Patroa, hoje tá tudo tranquilo. Esse local é bom para trabalhar porque eu venho todos os fins de semana e fico aqui. Esse era o ponto de um amigo, mas ele deixou eu ficar aqui, antes, nós trabalhávamos juntos neste local. Hoje eu fico aqui, porque ele colocou um negócio para ele. Eu passo a semana trabalhando em uma firma e nos finais de semanas venho para cá. O que você faz na firma? Eu trabalho na limpeza, mas o salário é pouco.

No trabalho etnográfico, a aproximação com “o outro” foi marcada pelas tramas do jogo de intersubjetividade entre eu e os demais atores envolvidos no palco de suas experiências cotidianas. Na visão de Fravet-Saada (2005), a pesquisadora para ser afetada participa ativamente do processo da pesquisa. Pois:

Quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista do nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento desfazer. (FRAVET-SAADA, 2005, p.160).

Essa identificação e afetação com os trabalhadores (flanelinhas) de rua foi tecida ao longo de muito tempo de (mais de 15 anos) de convivência com alguns. Esta convivência foi demarcada pelas relações sociais, culturais, simbólicas e pela geografia dos afetos, geradas nas sombras de muitos preconceitos sociais produzidos no âmbito da história local.

Neste momento, eu resgatei de minha memória de moradora da cidade há mais de vinte anos as circunstâncias, convivências e conversas que tive com Elias, um jovem rapaz, pastorador de carro e pai de uma menina, ele vivia à margem da sociedade. Elias vinha uma família tradicional da Cidade de Sobral, mas devido ao fato de ter se transformado em um alcoolista, ele viveu e sentiu na pele vários tipos de preconceitos dos moradores da cidade.

Elias morreu no devaneio etílico da vida, quando eu o encontrava na rua (ao lado da Igreja São Francisco) com os olhos vermelho da cor de sua flanela, ele estava sempre com sua provisão de aguardente. Aquele homem jovem tinha uma cor pálida devido ao estado de seu fígado fragilizado pela cirrose, o seu corpo estava sempre fatigado pelo calor, pela bebida e pelo trabalho de cuidar e lavar carros. Ele viveu no processo da embriaguez da exclusão.

Neste contexto notei que o meu envolvimento com a temática era a própria experiência ancorada pela memória de cada narração histórica. Como afirma Michele Bertrand: “O relato permite reintroduzir temporalidade na representação e, assim, transformar o traço em pensamento, a cena em roteiro, a revivência em rememoração”.

É notório afirmar que as formas de relacionamentos e trocas sociais não estão prontas nem acabadas nesse espaço social e simbólico. Elas foram recriadas e reinventadas no processo das discontinuidades de cada devir. Neste sentido pesquisar os modos de vida através do trabalho dos pastores de carro (trabalhadores informais -flanelinhas) e as formas de estabelecer ou recriar relações sociais, constituiu uma experiência que envolveu trocas de sentimentos, mutualidade de interesses além de afetividades.

Por isso devemos recorrer ao discurso de Porteli (1997, p:9) quando aponta que, para fazer pesquisa, os dois sujeitos sociais (pesquisador e pesquisado) devem se reconhecer a partir da mutualidade de interesses ou de condições de igualdade, pois esse fato reside no reconhecimento e na constatação da diversidade dos horizontes individuais de cada ator em seu universo cultural. Pois:

A entrevista de campo não, por conseguinte não pode criar uma igualdade, que não existe, mas ela pede por isso. A entrevista levanta em ambas as partes uma consciência de necessidade por mais igualdade, afim de alcançar maior abertura nas comunicações. Desse

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

modo que a hierarquia desigual de poder da sociedade cria barreiras entre pesquisadores e o conhecimento que buscam, o poder será uma questão central levantada, implícita ou explicitamente, em cada encontro entre o pesquisador e o informante. (PORTELI, 1997, p:9).

No ambiente da pesquisa pude perceber a forma descontraída que MC envolvia-se com as suas e os seus clientes. Em determinada ocasião de setembro de 2016 eu fiquei em campo por 3 horas. E presenciei muito afeto e brincadeira que acontecia no desenrolar do seu ambiente de trabalho. Em determinada manhã ficamos conversando e eu observava a relação afetiva que este agente social mantinha com as pessoas que se aproximava dele.

Em todo momento ele estava sempre pronto para auxiliá-las com as manobras de estacionar em determinada vaga. Ajudá-las com as manobras de estacionar os carros. Com os clientes homens percebi muitas brincadeiras e conversa amigáveis. Teve um momento, que eu observei como ele foi chamado por uma moradora do lado esquerdo da rua onde fica situada a Igreja São Francisco, era uma pessoa que morava na vizinhança para resolver um pequeno problema ordinário. O rapaz teria que pegar as garrafas de água e levar para dentro de casa da referida dama. Porém ele penetrou no interior da residência e conversou um pouco com a dona de casa.

Parecia-me que a relação era de intimidade entre eles. MC estava sempre com um sorriso no rosto enquanto conversava comigo. Todos os sujeitos que se aproximava ele conversava ou fazia alguma brincadeira. Parou um carro de mudança e dois homens se aproximaram de nós. Um deles estava com uma garrafa bebendo algo e repassou-a para que meu interlocutor tomasse. Nós permanecíamos envolvidos na conversa. Chegava e saía as clientes em seus automóveis. Reparei que naquele horário e lugar, a maioria das pessoas que usava as vagas de estacionamento eram pessoas do sexo feminino.

Nessa oportunidade, Mc me relatou muitas histórias revividas em sua memória. No contexto da pesquisa os sentidos atribuídos pelos narradores sobre os eventos vividos carregavam intrinsecamente a avidez de compreensão dos desertos afetivos, da exclusão social, econômica, e cultural impregnados na plasticidade dos acontecimentos que modelam suas existências. Como aponta nesta narrativa feita por M.C:

Eu já sofri muito nesta vida, passei por muitas coisas. Eu me considero um andarilho que experimentei de tudo um pouco. Eu fiquei 12 anos e seis meses no regime prisional. A minha pena foi toda cumprida em regime fechado e lá na cadeia eu fiz muitos amigos, mas foi difícil. Meu crime foi porque eu matei o assassino de meu pai. Eu amava o meu pai ele fazia furtos. Eu fiquei seis anos atrás do cara que assassinou

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

meu pai. Mas, quando eu matei eu tirei um peso de minhas costas. Eu não me arrependo do que fiz. Depois que sai da prisão passei seis meses em busca de trabalho. Daí eu consegui ficar neste ponto. Foi muita disputa ficar aqui.

Para ficar no espaço ou Território demarcado de Trabalho foi um período de grandes conflitos com outros sujeitos que ali permanecem, seja na vida e situação de dependência química, seja com outros indivíduos que disputavam o espaço como território de trabalho. É notório identificar que o território demarcado como local de trabalho dos pastores de carro é um local que compreendem as práticas sociais construídas a partir da gramática dos conflitos cotidianos. Esses conflitos são erguidos no sentido desse fazer perceber pelas atividades e lutas corpóreas. Veja esta narrativa:

Quando eu cheguei aqui era a Goreti que estava aqui, mas como ela vivia muito *noiada* com a pedra de *crak*, ninguém confiava nela. Eu cheguei e tinha que fazer minha parte, respeitar as pessoas, ajudar e fazer o que era certo, fazer o meu serviço direito. O padre falou se eu domasse os leões que estavam aqui, o ponto era meu. Teve um dia que tive que acertar as contas com um cara que roubou meu balde (instrumento de trabalho). Mas eu dei uma lição nele. Porque ele andava com um pedaço de ferro para me pegar, mas eu expulsei ele com muita pancada, ele sumiu, foi agora lá para perto do Rainha. Aqui na rua é assim de bombear a gente dança. Eu me dou bem com todo mundo, mas, tenho que ficar esperto. (Pastorador de Carro M, C, 36 anos, casado).

O Lugar ou espaço da Igreja São Francisco, é repleto de ações de vários sujeitos, onde se expressam os rituais de reza, lazer, de trabalho, passeios, paquera, brigas, brincadeiras, trocas econômicas e afetivas, dilemas e conflitos. Assim, pude perceber que este lugar passou agregar elementos de dominação de gênero e construção da identidade de Gênero. A rua foi ressignificada pelo pastorador que entrevistei como seu espaço de trabalho e de luta permanente pela sobrevivência. Antes quem assumia essa função era a Goreti (pastoradora de carros) que foi expulsa do lugar de forma violenta (próxima pesquisa). A Goreti era uma leoa fácil de ser domada, pois além do vício do crack, não sabia gerenciar sua vida, vítima das contingências da vida e pelo estilo Ser mulher. Entendo aqui que, nesta realidade, a rua passou a ser para as mulheres um espaço de dor, tragédia, violências, sofrimento e exclusão social.

O lugar ou território é um conceito que traz um sentido de pertença do grupo, por outro lado, ele pode ser definido a partir de três dimensões, como: o local, as configurações em que relações sociais são construídas, os processos sociais e econômicos que operam em

escalas mais amplas e o senso de pertencimento local. (JonhAgnew, 1993),

Este autor oferece-nos uma compreensão da escolha deste conceito, referindo-se ao lugar, como ambiente de configurações do mundo do trabalho dos pastores de carro abrangendo a noção de campo de ação. A ideia de território de pertença como ambiente de trabalho, de relações sociais, de lutas e conflitos me possibilita, igualmente, descrever a Praça, o Lado Direito da Igreja São Francisco e as ruas das vizinhanças do mercado Público de Sobral, como sendo um campo de ação social repleto de fazeres e saberes difusos elaborados pelos agentes sociais excluídos e invisíveis.

A exclusão social pode ser definida como uma combinação de falta de meios econômicos, de isolamento social e de acesso limitado aos direitos sociais e civis, representando uma acumulação de fatores sociais e econômicos ao longo da vida cotidiana que são caracterizadas por padrões de educação e de vida, saúde, violência, desigualdade social, miséria, injustiça, exploração social e econômica. A exclusão social está relacionada a um processo histórico pela relação de impacto da pessoa humana em sua própria individualidade, de maneira que a exclusão acontece em grupos, ambientes e situações, nas quais, quem estar fora das margens estipuladas pela sociedade, sem possibilidade de participação é um ser excluído do social.

Na gramática da exclusão atual, a saída e mobilização dos trabalhadores de empregos formais para as funções em situação de trabalhadores informais ou precarizados, tem se intensificado devido à nova reestruturação produtiva e pela ausência de políticas públicas que atendam as demandas dos diversos setores, extratos e grupos sociais. A exclusão social é um fenômeno humano, que se perpetua ao longo dos processos históricos, por vários fatores, torna-se cada vez mais distante de ser compreendida e superada. Embora as evoluções históricas da sociedade tenham contribuído de forma fundamental para o alcance de conquistas significativas na diminuição das desigualdades sociais, muitos aspectos da exclusão continuaram proporcionando diferenças sociais, econômicas e políticas dentro da sociedade. O conceito exclusão é demasiadamente complexo, dentro do qual podem ser identificadas várias categorias de desigualdades.

A nova organização internacional do trabalho, juntamente com divisão social e sexual do trabalho são processos massificadores dos tipos de intervenções do mercado e do Estado no cotidiano dos indivíduos. No Brasil essas alterações nos setores da indústria, no setor agrário e de serviço geraram processos de deformações e adaptações no sentido, de criar novos arranjos no quadro técnico de gestão e de divisão da sociedade.

Esse fenômeno, fundamentalmente acelerou o processo de criação de profissionais polivalentes no setor da indústria, trabalhadores precarizados em outros setores,

a terceirização do processo de produção, além do aumento do desemprego e a informalidade da cultura do trabalho. O trabalho informal, na sociedade contemporânea, é socialmente tido como uma atividade compulsória e muito desvalorizado, sendo, portanto, aquele que o exerce torna-se um indivíduo invisibilizado socialmente. O indivíduo que pastora e lava carro, nem sequer é reconhecido como um trabalhador, por isso há tensionamentos em torno da sua atividade laboral e as demais formas de atividade absorvida pelo mercado. Pois:

O modo como uma determinada sociedade se organiza para o trabalho e o tipo de relações que se estabelece na produção podem levar à desumanização e à alienação. Há trabalhos que embrutecem e deformam, além de não proporcionar condições para escapar das situações de penúria e privação na vida pessoal, familiar e social. (ISAAC, 2001, p.13).

Neste sentido, compreendi que a atividade de pastorar e lavar carros, embora demande de tempo, de energia gasta, de responsabilidade, de habilidade por parte daqueles assumem esta atividade não é, na maioria das vezes, reconhecida e nem valorizada. A partir do grande avanço das tecnologias, da economia globalizada e da própria sociedade em si, os que não conseguem acompanhar essa evolução (por uma série de fatores), acabam excluídos socialmente. De acordo com Velho (1994, p. 101) ele interpreta projeto de vida como:

O projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. ... O projeto e a memória associam-se e articula-se ao dar significados à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade.

Durante a elaboração deste trabalho pude investigar sobre a masculinidade através do modo de vida, das histórias de vidas dos pastores de carro de Sobral/CE. A partir desta pesquisa pude perceber que no desempenho das atividades laborais, os homens flanelinhas executam práticas: como demarcar o território de trabalho, dominar outros sujeitos que são considerados concorrentes do espaço de trabalhos, impor-se diante das condições e das circunstâncias (falta de banheiros e outras). E por fim quebrar das fronteiras entre o *eu* e o *outro* que foram definidas através das trocas afetivas e/ou até muito violentas, controle do pedaço, o discurso do homem. Tal fato reforça o conceito de corpo como construção do político, ou seja, “o corpo representa “um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas (BUTLER, 2003, p.551). Essas práticas são espécies de interações que definem os atributos de gênero e reforçam a masculinidade.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: Uma invenção do falo**. Maceió. Editora: Catavento. 2003.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e Poder**: revendo um caso do Sul de Portugal. Anuário antropológico 95, Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1996.

BANTIER, Elizabeth. XY. **Sobre a identidade masculina**. 2. edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

BENTO, Berenice. **O Homem não Tece a dor**: Queixas e perplexidade. EDUFRN. Natal. 2012.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHECETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro. FGV Editora. 2004.

CONNELL, Robert. **Políticas das Masculinidades**. Educação e realidade. Porto Alegre. 1995.

CYRULNIK. Boris. **Falar de Amor à beira do abismo**. Tradução: Claude Berliner. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2006.

FRY, Peter. **Pra Inglês Ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro> Jorge Zahar. 1982.

GARCIA, Sandra. **Homens na Intimidade**: Masculinidades Contemporâneas. Ribeirão Preto: Holos Editora. 2006.

GIDDENS, Anthony, **Sociologia**/ Anthony Giddens: tradução Sandra Regina Netz.-4 ed.- Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIFFIN, Karen. **A inserção dos homens nos estudos de Gênero**: contribuições de um sujeito histórico. 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade: uma perspectiva pós-estruturalista. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



MARX, Karl, **O Capital: Crítica da Economia Política**, vol.1, 3ª edição, Ed: Edipro, São Paulo, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e violência**. 2ª Edição. São Paulo Expressão Popular. 2015.

SCHPUN, Mônica Raísa. **Masculinidades**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: RUTH, C.L. **A aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa**. (Org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br